

O INFANTIL TRADUZIDO POR LIMA BARRETO

Paulo Alves*
Universidade Federal da Paraíba-UFPA

A infância é sempre um momento próprio para produzir e alimentar teorias, e fértil para afirmações e discussões polêmicas, sobretudo, em nossa modernidade. Sempre surge uma nova teoria informando ou sugerindo novos conhecimentos sobre as crianças. Várias obras saídas no Brasil e em outros países, e aqui traduzidas, dão conta do avanço desses saberes, no que toca à sistemática, e também da evolução do conjunto de características e atitudes de cada sociedade para com seus meninos e meninas. A mudança da concepção da infância começa com J. Piaget, no século XX a partir daí, apesar de ainda no séc. XXI existir aberrações e agressões sem fim contra nossas crianças, a consciência e fortemente o direito das crianças só aumentaram.

As recomendações dos indivíduos que defendem o direito as crianças, é de cuidado e respeito à pessoa deste indivíduo que não é ainda, mas já sendo. Ou seja, ver a criança como um ser completo no que ela é; não vê-la apenas a partir do que ela vai ou pode ser. O alerta era, não transformar a criança em um adulto em miniatura. E essa concepção tem razão de ser. Nós pensamos que a criança é um ser completo enquanto criança. Porém, vale ressaltar, que atualmente ocorre o mesmo erro ou pior seguindo o antigo princípio de forma inversa. Falando em bom português tínhamos em tempos de outrora a criança tida como ninguém enquanto direitos, vontades e atitudes, ao mesmo tempo em que eram compulsoriamente tornadas adultas, no que concerne ao trabalho e responsabilidades. Atualmente temos o exato inverso: acumulou-se a criança de direitos, vontades e poder de atitudes, desincumbindo-as de qualquer responsabilidade. Um exemplo claro para se observar esta inversão de papéis é a erotização precoce.

Numa educação, que se chamaria hoje de tradicional, a criança tinha de aprender a ser adulto inclusive através do trabalho, para ser autorizado à prática sexual. Atualmente não só o infantil é cada vez mais infantilizado em termos de esforço, trabalho e responsabilidade, mas até a idade de jovens-adultos, contudo incentivado por todos os lados a desenvolver o lado erótico, desde a primeira infância. Quem não lembra as danças sensuais e/ou eróticas ou

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba-UFPA, sob a orientação do Prof. Dr. Fabrício Possebon.

mesmo pornográficas que invadem os programas de TVs? Nisso os seres humanos desaprenderam a educação e nem sequer observaram os animais que só se acasalam quando já são capazes de viverem sozinhos e alimentar suas crias. Dentre os animais, ditos inferiores, avós não cuida de netos por irresponsabilidade dos pais e convivência dos avós.

Lima Barreto ou o menino Afonso foi criado numa educação dita tradicional e mesmo a natureza não lhe sendo favorável, pelos atropelos de vida, fora uma criança feliz. Tratado como criança, mas com responsabilidade, o pai preparava-o para ser homem. Fora levado a tornar-se adulto muito jovem. E, talvez por isso, viera a ser grande homem no que lhe tocava, enquanto comportamento idôneo, vivência ilibada, assunção de responsabilidades.

I – O Menino Afonso

O menino Afonso Henriques, que viria a ser em adulto Lima Barreto, teve vida bastante conturbada, o que aliás, lhe acompanhou ao longo de sua curta existência: quarenta e um anos apenas. Nascido em 1881, morto precocemente em 1922. Segundo filho, e o primeiro a se criar, de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto, ficara órfão de mãe aos seis anos, de quem guardou raras e firmes lembranças. Esta falta o acompanhou por toda vida. Ao longo de sua obra encontram-se muitas referências à figura materna seja pela presença seja pela ausência. Na parte jornalística estão de forma explícita, ao passo que na porção fictícia essas referências estão implícita, isto é, sob o manto ficcional. Como por exemplo, no seu primeiro livro publicado, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Em que o protagonista/narrador traz à tona, em sua sanha memorialista, as lembranças de sua mãe, que ainda se aninham em seus afetos. “No dia seguinte, quando me despedi, ela deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, [...] onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor” (IC, 1961: 57)¹. Aqui ficam explícitas as lembranças do afeto recebido de sua mãe, ainda que não fossem muito nítidas as imagens mentais. Sabemos, pois, que uma criança de seis anos guarda apenas retalhos de memória ou fatos episódicos; mas raramente ações distendidas ou concatenadas.

¹ As obras de Lima Barreto, utilizadas neste trabalho, serão citadas por iniciais que a identificam, para não criar confusão pelo fato de a maioria ter o mesmo ano de publicação. Assim: IC=*Recordações do escrivão Isaías Caminha*; GS=*Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá*; CA=*Clara dos Anjos*; FM=*Feiras e Mafuás*; BG=*Bagatelas*; MG=*Marginália*. As mesmas citações trarão o ano de publicação da obra apenas na primeira vez que forem citadas, a partir de então serão fornecido somente iniciais da obra e página.

No mesmo texto, mais à frente, o personagem/narrador volta à carga, dessa vez as lembranças são externas, não mais dos sentimentos amorosos da mãe para com ele, mas da sua figura, da movimentação doméstica cotidiana. “Por momentos, em face daquelas damas a arrastar *toilettes* de baile pela poeira da rua, lembrei-me dos tristes vestidos de minha mãe, da sua cassa eterna, da sua chita e do seu morim...” (IC, p. 80). Desses fragmentos da obra do autor sobressaem lembranças sofridas tanto dele pela falta da figura materna quanto da própria mãe que tivera vida de casada sofrida, por vários fatores, menos por culpa do marido; este, ao que consta, foi companheiro cuidadoso de sua amada, tanto que, uma vez viúvo, jamais se casou. Os sofrimentos de Amália, reportados pelo filho, decorriam de doença contraída já no primeiro parto, sendo obrigada a parar de trabalhar, daí a falta de dinheiro. Não podia mais ajudar nas despesas da casa; sofria também por ter de, doente, cuidar de vários filhos, e sobretudo por não poder dispensá-los o zelo de que gostaria.

Que a vida do menino e depois do homem Afonso foi marcada pela falta do carinho e apoio maternos, todos estão de acordo. Ele mesmo o afirma em sua obra retomadas vezes. No conto “O único assassinato do Cazuza”, o autor lega-nos deliberadamente um autorretrato, falando pela boca do personagem-título.

Tinha eu sete anos e minha mãe ainda vivia. Você sabe que, a bem dizer, não conheci minha mãe! [...] Só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o seu cadáver. Durante toda a minha vida, fez-me muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter; mas, em contrapeso, bem cedo, me vieram o desgosto de viver, o retraimento, por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém – o que é um alívio sempre; enfim, muito antes do que era natural, chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misantropia (GS, 1956, 181-2).

E para acertar o alinhamento entre pacto romanesco e pacto autobiográfico, o personagem continua. “– Eu tinha sete anos e minha mãe ainda vivia. Morávamos em Paula Matos. Nunca mais subi a esse morro, depois da morte de minha mãe” (GS, p.182). Cotejando esta passagem com sua biografia, percebe-se, segundo seu biógrafo, que eles moraram em Paula Matos, para lá foram aconselhados por médicos em busca de bons ares para a saúde de Amália, o que nada adiantou, vindo ela morrer ali. Logo após mudaram-se para evitar as dolorosas lembranças. “João Henriques, preocupado com a doença da mulher [...] Deu um balanço no orçamento [...] e tratou de arranjar uma casa melhor, em Paula Matos. Tentaria agora o clima da montanha”. E prossegue: “Morta a sua Amália, João Henriques não quis

ficar em Paula Matos, onde tudo recordava a presença amada” (Barbosa, 1975: 20). Assim, percebe-se que Hildegardo ou Cazuza pode ser, com efeito, um alterego de Lima Barreto.

Um outro personagem que contém traços do autor é Horácio, do conto “O Filho da Gabriela”; neste, são apenas características que se coadunam num e noutro, não chega a ser flagrante como no conto supracitado. Horácio é apenas tímido, retraído, desconfiado, sempre vive buscando se isolar em suas ilhas de conforto, tal qual o autor. “À proporção que crescia, os traços se desenhavam [...] o olhar doce e triste como a mãe [...] Pouco depois a mãe lhe morria [...] fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria”. Mais à frente: “Ia para o colégio calado, taciturno, quase carrancudo, e, se, pelo recreio, o contágio obrigava-o a entregar-se à alegria e aos folguedos, bem cedo se arrependia, encolhia-se e sentava-se vexado a um canto” (CA, 1956 p.212-4). Lima Barreto tinha algumas excentricidades assim como Horácio: às vezes, saía da mesa em que estava com amigos sem dar satisfação, gostava de deambular falando sozinho pelas ruas do Rio, procurava chegar a casa à noite para não ter de cumprimentar os vizinhos, e de preferência quando os seus já estivessem recolhidos. Na Escola Politécnica refugiava-se na biblioteca devorando livros de Filosofia, História e Ciências humanas, na pensão preferia ficar deitado lendo a sair pela rua com amigos, etc.

Era assim o menino Afonso cresceu rodeado de dificuldades, dores e provações, mas também amor, muito amor, incentivo e cuidado da parte de seu pai. E isso fez o homem. Se é verdade o que Machado de Assis levantou como questão sobre Capitu, em *Dom Casmurro* de que a menina já contém a mulher, entende-se assim melhor o homem Lima Barreto: frustrado, baixa auto estima, revoltado com as injustiças, por isso com grande senso de justiça social e também idiossincrático. Também Manuel de Oliveira um africano cabinda, mais ou menos, agregado da família, o tratava como se costumava tratar os “sinhozinhos” à época. Em vários dos seus textos o escritor Lima Barreto referencia-se ao amigo de infância. Inclusive achamos que o personagem Felizardo, que, no romance *Policarpo Quaresma*, era ajudante do major Policarpo na aventura agricultora deste, é uma homenagem ao grande amigo de infância.

II – Infância à sombra protetora do pai

Sua relação com o pai, naquilo que é possível, veio a suprir a lacuna deixada pela ausência da mãe. João Henrique era pai amoroso e extremado no cuidado com os filhos. Especialmente com Afonso, seu “primogênito”, a quem devotava todo esforço para dar-lhe

educação primorosa, pois queria vê-lo doutor, como que para realizar no pequeno aquilo que não fora possível chegara termo nele. Seu cuidado era tal que, trabalhando no setor gráfico da imprensa da época João Henrique além de trabalhar durante o dia na Tipografia Nacional, que viria a ser mais tarde a Imprensa Nacional, trabalhava também à noite no jornal *A Tribuna Liberal*, na oficina de composição. E como já viúvo, sem mulher para cuidar dos filhos, deixava os menores com uma senhora a quem contratou para deles cuidar, por nome de Clemência, e o menino Afonso ele levava consigo. Assim, enquanto o pai ia compondo a paginação do jornal, o menino brincava à rua em frente à oficina. O próprio Lima relembra isso em algumas de seus textos. Na crônica “O meu almoço” ele afirma: “Lembrei-me também que, pouco antes de vir a república, eu brincava, com outros meninos, cujos destinos não sei, de *marche aux flambeaux*, quando meu pai era paginador da infausta Tribuna Liberal e eu vinha passar a noite ao seu lado”. Completando diz: “E lembrei-me ainda mais de que, ali, talvez mesmo naquela altura, recebi do Príncipe Ubá um vintém, eu e os meus companheiros, um para cada... Quantas recordações me vieram? Não sei mais...” (FM, 1956, p.285). Ao ler essas memórias de Lima Barreto, percebe-se que são muito doridas, e pensamos, que ele, ao ser tomado por essas recordações, sofria imensamente, vendo-se um adulto *raté* em oposição à infância promissora de êxito e felicidade. Devia ele pensar como um Manuel Bandeira *avant la lettre* “A vida inteira que podia ter sido o que não foi”.

Nisso percebe-se o amor e o desvelo do pai para com o filho. Levando-o, além de mantê-lo perto de si, estava educando pela referência ao trabalho, sociabilizando-o com outros garotos de sua idade, e aproximando-o do mundo intelectual do jornalismo militante. Também o conscientizava politicamente através do contato e observação direta da sociedade.

Outro episódio que demonstra a sintonia entre pai e filho, encontra-se na crônica “Homem ou boi de canga?” e diz respeito ao levante de 1893, na cidade do Rio de Janeiro, em que se bombardeavam revoltosos e situacionistas. João Henriques estava à beira do cais embarcando viveres para as Colônias de Alienados na Ilha do Governador donde era almoxarife. Então os militares entabularam conversa com ele. Um o chama em particular. Cujo teor da conversa o pai confia ao menino Afonso. Segue o curto e fecundo diálogo revelador da grandeza desse homem que mesmo sendo do povo sempre manteve um distintivo de solidez moral e elevação de espírito.

Uma manhã , quando estávamos à beira da praia, conversando meu pai com o comandante do destacamento [...] um soldado ou cabo chamou meu pai de parte e pôs-se a conversar com ele. [...] Fiquei afastado olhando... [...]

Acabada a conversa, veio meu pai para mim. Nada me disse logo; mais tarde porém confidenciou-me: – Você sabe o que aquele soldado queria? – Não papai. – Queria que eu lhe dissesse porque (sic) esses dois homens estão brigando. Esses dois homens eram Floriano e Custódio (BG, 1956, p.273-4).

Este diálogo demonstra o apreço que João Henriques tinha por seu filho.

Segundo o biógrafo do escritor, João Henriques era preocupado com a educação dos filhos, dispensando especial atenção para a evolução dos mesmos no aprendizado, no desenvolvimento intelectual. Lima Barreto aos dezesseis anos ingressou na Escola politécnica por mérito, Evangelina formou-se em música e lecionando foi como se sustentou financeiramente após a morte do irmão mais velho (Lima Barreto) e do pai, o que ocorreu com apenas dois dias de diferença, respectivamente, que proviam o sustento da casa com seus magros vencimentos. Ele acompanhava de perto o estudo dos filhos inclusive ajudando-os a fazer o dever de casa (Barbosa, 1975, p.51). Era esse o tipo de pai que teve Lima Barreto, não por acaso deixou-lhe traços tão fortemente vinculados em seu firme caráter.

Ainda em relação ao enlevo como era tratado em criança e já fazendo referência as suas doces lembranças de infância, é mister sinalizar a amizade entre ele e um ex-escravizado que se tornara agregado de sua família, Manoel de Oliveira, um africano Cabinda. Eles se conheceram quando seu pai fora trabalhar nas colônias de Alienados da ilha do governador. Lá o menino Afonso descobre muita coisa nova e interessante. “Muito menino – eu tinha nove anos – apesar de não ser muito regular, corria toda a colônia e dependências”. Em seguida, descreve o ambiente físico da ilha: “O edifício principal era um antigo convento de beneditinos. A igreja dividia duas alas desiguais; e tudo olhava o sol levante”. E continua: “Tendo eu passado a minha primeira meninice na cidade, aqueles aspectos eram para mim inteiramente raros. As árvores, os pássaros, cavalos, porcos, bois, enfim todo aquele aspecto rústico, realçado pelo mar próximo, enchia a minha alma de sonho e curiosidade” (FM, 1956, p.226).

Depois trata da relação dele com seu amigo adulto. “O velho Oliveira dava-me sempre mimos. Era uma fruta, era um bodoque, era uma batata doce assada no braseiro do seu fogão. Ele sempre tinha um presente para mim. Eu o amei desde aí” (Idem). Ainda quanto ao tratamento que diz muito do respeito que se tem pelo outro, o que conta muito para a auto-estima do indivíduo, o escritor recorda que o velho Manuel o tratava por “seu”, equivalente a senhor, mais um apelido afetoso: Seu Lifonso. E não sem gratidão que Lima Barreto recorda seu amigo, de certa forma protetor, mote de brincadeira (por ser negro africano e ex-

escravizado, também Lima usava-o como peça de passatempo), sem esquecer o apoio incondicionalmente recebido. “Havia muita coisa de singular e curioso nessa pobre alma de negro que me acompanhou durante quase trinta anos, através de todas as vicissitudes” (Idem, p.227). A ponto de relembrar fatos decisivos em sua vida que demonstra toda a amizade e lealdade do velho Manuel. “Quando minha família atravessou uma crise aguda; quando veio a nossa tragédia doméstica, Manuel de Oliveira chegou-se a mim e emprestou-me cem mil-réis que economizara” (Idem). Contudo, Lima não confirma se lho devolveu. Isso demonstra *ipsis litteris* a grandeza de alma do velho africano, coisa rara de se encontrar hoje em dia. E fecha a crônica, que lhe dedicou, afirmando: “Muitos outros fatos se passaram entre nós dessa natureza, e, agora, que o desalento me invade, não posso relembrar essa figura original de negro, sem considerar que o que faz o encanto da vida, mais do que qualquer outra coisa, é a candura dos simples e a resignação dos humildes” (FM, p.228).

III – Doces lembranças de meninice

Mas nem só de lembranças tristes e recordações de momentos promissores fadados à *l'échec* vive o escritor. Por vezes, lhe surgiam no pensamento memórias felizes e acalentadoras que se não se faziam mais presentes pela realização presente, ao menos se tornavam presentes pela rememoração de momentos agradáveis que em muitos casos são elas que permitem a vida valer apenas e ou ao menos existir. No caso de Lima Barreto, não seria exagero dizer que se a vida tinha alguma razão de ser eram todas via recordações de momentos felizes vividos num passado longínquo. No presente de sua idade adulta a única coisa que ele se orgulhava não raramente era sua liberdade de espírito e sua independência de pensamento e ação. “Sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente” (MG, 1956, p.74).

Para encabeçar essas lembranças agradáveis que podiam deixar-lhe o espírito mais leve ao menos por alguns instantes, comecemos pela crônica já vista “Homem ou boi de canga”. Esta passagem é uma das mais belas e tocantes da obra do autor carioca. Nela ele trata da casa em que vieram morar na cidade do Rio de Janeiro desde que tiveram que abandonar a casa da Ilha do Governador em que moravam, por causa dos militares e dos revoltosos que invadiam os lares da ilha e pilhavam todo tipo de viveres que neles encontravam, com as Colônias de Alienados não era diferente. Então vieram para a cidade do Rio onde guardavam

e protegiam os mantimentos da instituição e, diariamente, faziam embarcar a ração diária em direção à ilha. Assim, descreve ele a nova moradia e seu entorno:

Nós morávamos numa casinha de telha-vã, muito poeticamente situada à meia encosta de uma colina, cavalgando a estrada que levava ao porto de embarque. Na frente, a vista era curta, pois do outro lado da via pública, no alto de um monte que se erguia rapidamente, havia ruínas de uma capela, barrando, morrote e ruínas, o horizonte fronteiro de nossa casinha. Aos lados, porém, a vista era vadia e larga, apesar de, à esquerda, existir construções meio acabadas de uma fábrica de vidros que não chegou a funcionar. Todas as manhãs íamos, eu e meu pai, até o 'porto', ver o embarque de gêneros para a ilha (BG, 1956: 273).

Ele lembra a casa de forma afetuosa como um recanto de refúgio, denuncia isso as palavras “casinha de telha-vã”. O diminutivo expressa o sentimento de carinho que o autor guarda em si pelo local em que viveu dias tranquilos e agradáveis. Não menos afetiva é sua descrição da casa no espaço físico; colocando-a na moldura da encosta, como um ponto referencial de segurança no todo elevado, com certeza verde, sobre a estrada. A imagem da casa é tão forte que recebe uma personificação: a casinha, por estar num plano superior ao da estrada é como se cavalgasse esta. Bachelard explica que em se tratando de lembranças da casa, o afeto é o cromatismo, o juízo de valor, as lentes pelas quais saudoso a evoca: “A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Em ambos os casos, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa”. E continua: “Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida” (1988, p. 23).

No que toca ao horizonte que se descortina a partir da casa, ele transforma seu campo de visão em possibilidade e limite de sua esperança de garoto tal como previa e desejava sua primeira professora Tereza Pimentel, um dia ocupar lugar de relevância na sociedade². Mas ele logo cedo se deu conta do caráter preconceituoso e excludente, desta sociedade a quem ele muito desejava ser útil. De fato o foi, mas desse serviço prestado à sociedade brasileira, ele nada logrou em vida. Esse ponto de vista, típico das crianças de ver as coisas, está explícito em “aos lados, porém, a vista era vadia”, na criança, ao menos aquelas que vivem em contato

² Segundo seu biógrafo, “Depois da morte da mãe é que vai para a escola pública de D. Teresa Pimentel do Amaral, na Rua do Resende n. 143-A”. Como era aluno inteligente e aplicado recebera um prêmio escolar, das mãos da professora: um volume encadernado de *As Grandes Invenções* de Luís de Figuer; com a seguinte dedicatória: “Afonso, guarda esse livro como uma lembrança de quem se orgulha de ter desenvolvido um pouco tua grande inteligência, da qual muito espera nossa cara Pátria; lendo-o, procurarás imitar as virtudes e a força de vontade dos grandes vultos, que aí se apresentam etc” (Barbosa, 1975, p.32 e 39).

com a natureza, é muito comum, a partir do horizonte observado e sentido, fantasiar um outro universo que só tem existência no espaço afetivo e interno da criança. É neste domínio que a imaginação deste ser em formação deambula, vagueia fertilmente vadia.

Mas é na crônica “Maio” em que ele revela o melhor de si enquanto lembranças, recordações, saudades desalentadas de um tempo que prometera, embalara-o e negligenciou. Então, em Lima, quando o passado emerge vem sempre tingido de uma travosa nostalgia desalentada quando não ácida ou rebelde. Normalmente, quando as pessoas deixam seu presente para deslizar sobre ou mesmo submergir no passado, é porque o presente não lhes agrada mais ou pelo menos tanto quanto o passado; e com os escritores, artistas que são, não é diferente. Nesta crônica, ele busca resgatar a simbologia que envolve esse mês, por isso é dedicado a várias situações e realizações ligadas ou representativas da vida humana. Inclusive lembra que sua alma, tocada por toda essa aura de renascimento, surgimento de um novo ciclo [ele usa como exemplo as flores], ver-se alentado a mais uma dose de esperança. “Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonho” (FM, 1956, p.255).

Nessa crônica, publicada a 04 de maio de 1911, às portas de completar trinta anos, é como se o escritor, retomando sua infância, fizesse um balanço da vida constatando já um fim inglório. A partir dessa atitude dá para perceber que a vida do nosso escritor não era nada fácil, não era por acaso que vez por outra ele romantizava, isto é, no melhor estilo Casimiro de Abreu, tomava o bonde do escapismo e retornava a sua infância. Voltemos a “Maio”. O autor continua: “Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice” (Idem). Não por acaso, o motivo de suas reflexões memoriais é a famigerada Lei Áurea, que diz respeito positiva ou negativamente aos negros, o que para ele, mulato tratado como negro, era vital a discussão dessa questão. E ele não se furtava de debatê-lo considerando apartes coerentes e fundamentados, não obstante algumas ingenuidades. À guisa de que prossegue a crônica. “Agora mesmo estou a me lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa [sic] e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço” (FM, p.255). Nesta passagem sobressai novamente a íntima relação dele com o pai. Este o trata como se o filho adulto fosse. Vejamos, ele era uma criança, a dita lei seria assinada no dia em que ele completaria sete anos, e pai chega a casa e dá-lhe a notícia com a seriedade com que se trata um adulto e

conferindo-lhe importância. E no dia designado ambos se encaminham para o lugar da assinatura.

Em seguida, aparecem dois elementos narrativos característicos do autor de *Gonzaga de Sá*. O primeiro é a relação direta dos tipos e tonalidades das cores usadas por ele e do estado de claridade ou opacidade do dia com seu estado de espírito. O segundo é hábito que ele mantém de sempre que precisa de relembrar um momento de alegria retorna à infância. Ao texto: “Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia” (FM, p.255). Continua sua narrativa memorialista. “Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que ao assisti-la me vinha aos olhos a ‘Primeira Missa’, de Víctor Meireles” (FM, p.256).

Ao referenciar-se à princesa regente, mais uma vez mistura-se fato observável e impressões afetivas. Diz ele: “... e eu me lembro que vi a princesa imperial [...] cercada de filhos [...] Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado” (p.256). Que ela era loura as fotografias comprovam, que ela estava rodeada de filhos poderia bem estar, ela tinha quatro; mas que ela fosse maternal e de doce olhar apiedado, há controvérsia. Não esqueçamos que o menino Afonso perdera a mãe há menos de um ano. Não é preciso muito esforço para se perceber que a cena da mãe rodeada de filhos fez na mente do futuro escritor parecer o protótipo de uma santa, acrescida da aura de filha do monarca e futura sucessora, e também do momento da comoção popular pela importância dada à lei que ela iria assinar, o que fazia a sociedade praticamente canonizá-la.

Retomando as lembranças desse ato público e os reflexos dele no seu espírito infantil, via formação intelectual, ele retoma a figura marcante de sua primeira professora. “A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral [...] a quem muito deve o meu espírito³, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!”. E avança: “Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia”. Completando confessa: “Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: ‘Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não

³ Na crônica “Tenho Esperanças Que...”, em que discute a educação no Brasil e relembra seus mestres, diz dessa professora: “Mas, de todos, de quem mais me lembro, é de minha professora primária” (BG, p.64).

somos todos livres?"". E para concluir este raciocínio de impressões infantis sobre as decisões e explicações do universo adulto para os petizes, constata um tanto desiludido e resignado: "Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!" (p.257). Apesar de muito crítico e perspicaz, Lima Barreto conservava aqui e ali, laivos e arroubos de ingenuidade. Um dos laivos está aqui. Mal sabia ele que, ao menos no Brasil, a falta de liberdade, enquanto liberdade (não confundir com o livre arbítrio) manifesta-se sobremaneira em não seguir a lei (isso vale especialmente para os de *colarinho branco*) para atender ao imperativo do egoísmo e da ganância, corrompendo, deixando-se corromper, dilapidando o pecúlio público, mas sempre causando dano em benefício próprio e dos seus. Lei no Brasil só para os desfavorecidos. E disso, por mais que contraste aqui, Lima Barreto tinha consciência de sobra; observa-se em várias passagens do sua obra. Um dos arroubos de ingenuidade está exatamente neste texto, e versa sobre o problema da lei em questão assinada e de uma presumível consciência da sociedade brasileira em favor do negro vilipendiado no seu íntimo mais profundo, porque escravizado. Diz ele: "Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão" (p. 256). Ele deveria saber que a grande maioria dos abolicionistas, que eram minoria na sociedade, defendia a abolição, não por consciência ou valores humanitários, mas simplesmente para por em guarda a raça pura dos brancos portugueses dos perigos e do contágio moral dos negros degenerados, segundo a concepção dos primeiros. Como se algum português que aqui viviam valessem dois caracóis. Isso parece que passou batido no hipercrítico escritor. Em verdade, ninguém é perfeito.

Após essa significativa digressão, vale considerar um pouco as passagens supracitadas. Achemos essa crônica a mais significativa no que toca as suas lembranças infantis. Ele aqui não só relembra vários elementos de sua infância como faz uma espécie de avaliação crítica de sua vida e da sociedade em que vive; além de revelar um pouco de sua personalidade. Assim ele expõe o amor que ele tinha por alguns dos seus mestres, tais como Teresa Pimentel, e outros que aqui não aparecem como Miss Annie e Oto de Alencar⁴, e aponta para a influência de seus mestres em seu espírito. A maneira como ele retoma a compreensão de si e

⁴ Miss Annie foi sua segunda professora e o marcou profundamente. Segundo seu biógrafo, "Afonso afeiçãoou-se à nova professora com um sentimento verdadeiramente filial". Inclusive insinua que pode ter ocorrido uma substituição de afeto com a falta da mãe (Barbosa, 1975, p.40-1). O próprio Lima escreve: "Miss Annie [...] foi minha professora de inglês e, muito boa, guardando eu dela recordações perfeitamente filiais" (FM, p.259). O professor Oto Alencar foi outro que conseguiu conquistar, sem reservas, o arisco Lima, ainda na adolescência. Dele Lima Escreve: "Oto sem eiva de pedantismo ou de suficiência presumida, era um gênio universal". E completa: "Foi o homem mais inteligente que conheci e o mais honesto de inteligência" (BG, 1956, p.64).

de seus colegas de classe do termo “livre” é tocante, porquanto constitui exatamente a forma de entendimento de uma criança: a compreensão sem exceção, isto é, o todo no todo. Se ser livre é não ser compelido por ninguém, a partir de então deve-se apenas seguir o princípio do prazer, pouco importa as consequências pois na cabeça da criança não pode haver consequências. Todos que já o foram sabem disso.

Mas suas lembranças não param por aí, e ele prossegue: “Dos jornais e folhetos distribuídos por aquela ocasião, eu me lembro de um pequeno jornal, publicado pelos tipógrafos da Casa Lombaerts. Estava impresso, tinha [...] pequenos artigos e sonetos. [...] Eu me lembro, foi a minha primeira emoção poética a leitura dele” (FM, p.257). Veja-se que de degrau em degrau chega-se donde pode ter surgido algum incentivo para sua atividade de homem de letras, aquilo que seria seu purgatório quase inferno em vida, e tornou-se sua redenção ainda que depois de morto.

Já se preparando para o epílogo da crônica, ele volta-se mais para seu “eu”, para o efeito das recordações no seu espírito *hic et nunc*, e para o significado dessas rememorações na vida de adulto sem perspectiva. “São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo” (FM, p.257). Em seguida, evoca o tempo com um respeito digno de Santo Agostinho em suas *Confissões*.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer. Quantas ambições ele não mata! Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os de Amor – oh! Como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens... Oh! as viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com o auxílio de Baedeker e outros livros complacentes (FM, p.258).

E prossegue num realismo niilista espantoso, marcado por uma sinceridade digna de J.-J. Rousseau em suas *Confissões*. “Ficamos a viver [...] Esperando os milagres do tempo e olhando o céu vazio de Deus ou Deuses, mas sempre olhando para ele, como o filósofo Guyau. Esperando, quem sabe se a sorte grande ou um tesouro oculto no quintal? (sic)” (FM, p.258). Percebe-se, por esses excertos, que, aos trinta anos, Lima Barreto não alimentava mais nenhuma esperança de a vida tornar-se algo que valesse a pena. Via-a como o dia já no lusco-fusco do domínio da noite sem direito a alvorecer, portanto seu caminho se fechava.

Por falar nisso, vale ressaltar que a clássica crise dos sessenta, de que falam os psicólogos, momento em que o indivíduo retoma a vida e analisa do ponto de vista da utilidade e felicidade da existência, e que não tem mais como retomá-la para corrigi-la, Lima Barreto adiantou-a para os trinta. Seguindo essa linha, o texto é iniciado evocando seu nascimento que se deu no mês de maio, e dizendo que a cada maio um renovamento e uma revoada de sonhos o invade, e é finalizado por uma constatação amarga de fracasso e uma citação direta quase um chamamento da morte como única responsável pela resolução do que não se pode resolver em vida.

O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos de nossa alma que tinham sido amputados – os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folha, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro. E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados... (FM, p.258).

É como se em um mês, o autor simbolicamente inicia e põe termo a sua vida, enquanto esperança, razão e força de vida. Para ele, vitalmente restava apenas desesperança e um desalentado e cético riso de canto de boca, *rien de plus*. Não é à toa que rememorando essas lembranças em mais uma crônica, essa dedicada como réquiem a seu espécie de pajem Manuel de Oliveira, já vista no tópico anterior, pontifica amargamente: “E quando, há anos, o levei para o cemitério de Inhaúma, foi como se enterrassem muitas esperanças da minha meninice e a adolescência (sic) na sua cova...” (FM, p.226). Isso demonstra que em algumas situações e para algumas funções vitais e sociais Lima Barreto se sentia um morto vivo.

Ao fim deste breve percurso, salta-nos aos olhos que a infância foi tudo o que valeu a pena na vida do escritor Lima Barreto. Mas mesmo desde a infância sua vida foi atropelada por acontecimentos dolorosos e revoltantes, orquestrados por não se sabe que tipo de força oculta, que nunca permitiu o sucesso, o bem estar tampouco a felicidade em sua vida. Foi assim aos seis anos com o fenecimento de sua genitora, foi assim quando aos dezesseis anos tentava uma formação superior na Escola politécnica, reduto da elite carioca, teve que desistir, com a perda da razão do pai, foi assim com a publicação do seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, foi ainda assim na sua função pública de amanuense da Secretaria da Guerra, sempre preterido nas promoções, foi assim, por fim, com uma força irresistível arrastando-o para o alcoolismo, que terminou por destroçar sua existência moral e física. Seguindo essa lógica macabra, que a *Moirá* lhe reservou, quando

encontrou alguém capaz e disposto a dar-lhe a mão, Monteiro Lobato, já estava dominado pelo álcool. Pouco tempo viveu. Mesmo assim, quando ele queria um derivativo para continuar vivendo, vendo a vida como algo vivível, tinha de recorrer a sua sofrida infância.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: MEC, 1975.

BARRETO, Lima. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Marginália*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1961.

BARRETO, Lima. *Vida e Morte de MJ Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.